

LITTERATURA DE MANICOMIO

OS POETAS DO "ORPHEU,"

foram já scientificamente estudados por Julio Dantas, ha 15 annos, ao occupar-se dos «artistas» de Rilhafolles

Casos de paranoia — Tem a palavra o sr. Julio de Mattos!

Orpheu é uma «revista trimestral de litteratura», destinada a Portugal e Brazil e de que veiu agora a lume o primeiro numero, correspondente a janeiro, fevereiro e março. As 83 paginas da revista, impressa em excelente papel e tipo elegante, abrem por uma «introducção» de Luiz de Montalvor, em que se pretende definir os intuintos da obra a que metteu homens um grupo de jovens que com frequencia se topam ahi por alguns cafés da Baixa.

Segundo a mencionada introducção, *Orpheu* «é um exilio de temperamentos de arte que a querem como a um segredo ou tormento» e a pretenção dos seus fundadores «é formar, em grupo ou ideia, um numero escolhido de revelações em pensamento ou arte, que sobre este principio aristocratico tenham em *Orpheu* o seu ideal esoterico e bem nosso de nos sentirmos e conhecermos-nos.» A sua obra consideram-na esses supostos litteratos uma coisa de rara beleza absolutamente nova. No fundo, porém, é tudo velho, como podem dizer os psichiatras que no *Orpheu* tem abundante materia de estudo.

Os poetas e os prosadores aggre-miados agora na revista de que vamos reproduzir ao acaso algumas amostras parece que tomam muito a serio a sua missão e reputam as suas producções como a ultima palavra da arte. Os nephelibatas ou decadentes que ahi surgiram, tendo por pontifice maximo Eugenio de Castro, foram uns admiraveis chuchadores em cuja sinceridade ninguem acreditou e que nas suas estravagantes composições não conseguiram, alguns d'elles, occultar o seu bello talento, já anteriormente demonstrado em trabalhos de merito. Os collaborado-

res do *Orpheu* nunca se revelaram como litteratos senão em manifestações identicas ás que enchem as paginas da revista, e d'ahi o não ser possivel ajuizar do seu real valor. O que se conclue da leitura dos chamados poemas subscriptos por Mario de Sá Carneiro, Ronald de Carvalho, Alvaro de Campos e outros é que elles pertencem a uma cathegoria de individuos que a sciencia definiu e classificou dentro dos manicomios, mas que podem sem maior perigo andar fóra d'elles...

Occupando-se, ha quinze annos, dos *Pintores e poetas de Rilhafolles*, Julio Dantas fornecia-nos já todas as caracteristicas do estado mental d'esses moços litteratos que hoje ahi surgem arvorando o *Orpheu* como estandarte. A chromophilia, o simbolo, a allegoria, o neologismo, o egocentrismo, a autophilia, a «linguagem de malhas perdidas, fragmentaria, desconchavada, cheia de lacunas correspondentes a palavras, phrases ou pensamentos inteiros que não tiveram tempo de fixar-se, gafa de vocabulos e distractos sillabicos reunidos por simples alterações ou consonancias, ferida, enfim, da incoherencia mais desastrosa e tomado a feição de uma algaravia ás vezes brilhante, mas sempre grotesca e tumultuaria» — tudo isso que assignala a arte do paranoico litterato se depara nas producções dos individuos acima citados e nas de outros que collaboram com elles.

Julio Dantas escreveu que «na idiosincrasia intellectual, na imbecilidade, a incoherencia vem pela reunião ou pela incrustação de vocabulos ou phrases segundo um criterio de maior riqueza chromatique ou musical, ordinariamente colhidos na obra alheia, sucedendo-se num ritmo unctuoso e embala-

dor, e onde nem por milagre se enxerga a sombra de uma ideia».

Correntemente, eis o que se verifica na obra dos jovens do *Orpheu*, alguns dos quaes talvez tenham ideias, mas tão singulares que só confirmam o seu desvio viganico. Vae o leitor ter ensejo de notal-o nos trechos que em seguida inserimos, convindo accentuar que um dos paúlicos (alcunha posta nos cafés aos litteratos do *Orpheu*), o sr. Alvaro de Campos, se afasta n'uma das suas composições, a *Ode triunfal*, dos processos dos seus camaradas e canta as coisas menos delicadas e menos poeticas dos nossos tempos em espantosas expressões verbaes por vezes pornographicas...

* * *

Final da poesia *Nossa Senhora de Paris*, de Mario de Sá-Carneiro:

Os meus sentidos a escoarem-se...
Altares e vellas...
Orgulho... Estrellas...
Vitraes... Vitraes...
Flores de liz...
Manchas de côr a ogivarem-se...
As grandes naves a sagrarem-se...
—Nossa Senhora de Paris!...

Do mesmo auctor:

As mezas do café endoideceram feitas ar...
Cahiu-me agora um braço... Olha, lá vae
elle a valsar
Vestido de casaca, nos salões do Vice-
Rei...
(Subo por mim acima como por uma es-
cada de corda,
E a minha ansia é um trapezio escanga-
lhado...)

Da *Distante melodia*, tambem de Mario de Sá-Carneiro:

N'um sonho de Iris, morto a oiro e braza,
Vem-me lembranças d'outro Tempo azul
Que me oscilava entre veus de tul,
Um tempo esguio e leve, um tempo aza.
Cahia Ouro se pensava Estrellas,
O luar batia sobre o meu alhear-me...
Noites lagoas, como ereis bellas
Sob terraços-liz de recordar-me!...

Balaustres de som, arcos de amar,
Pontes de brilho, ogivas de perfume...
Dominio inexprimivel d'Opio e lume
Que nunca mais, em côr, hei de habitar..

Ainda do mesmo poeta esta quadra:

Eu não sou eu nem sou o outro,
Seu qualquer coisa de intermedio:
Pilar da ponte de tedio
Que vae de mim para o Outro.

Eis os versetos d'um soneto de Mario de Sá-Carneiro, que é quasi um chefe de escola:

Desci de mim. Dobrei o manto d'Astro,
Quebrei a taça de cristal e espanto,
Talhei em sombra o Oiro do meu rastro...
Findei... Horas-platina... Olor-brocado...
Luar-ansia... Luz-perdão... Orquideas pran-
to...
O' pantanos de Mim—jardim estagnado...

O poeta Alvaro de Campos, que se confessa morphinomano, n'uma longa poesia das mais comprehensiveis e que se intitula *Opiario*, fornece-nos interessantes notas autobiographicas:

Eu, que fui sempre um man estudante,
agora
Não faço mais que ver o navio ir
Pelo canal de Suez a conduzir
A minha vida, canfora na aurora,
Eu fingi que estudei engenharia.
Vivi na Escossia. Visitei a Irlanda.
Meu coração é uma avesinha que anda
Pedindo esmola ás portas da Alegria...
Se ao menos eu por fóra fosse tão
Interessante como sou por dentro!
Vou no Maelstron, cada vez mais pro-
tro.
Não fazer nada é a minha perdição!

Estes versos são dos mais claros e até dos mais prosaicos do *Orpheu*. Com effeito, o sr. Alvaro de Campos distancia-se em muito dos confrades e a sua authentica paranoia, em que a influencia do chamado futurismo é evidente, tem aspectos diversos, tão dignos de estudo como a

los outros. Na *Ode triunfal* escreve elle:

Mettam-me debaixo dos comboios!
Espanquem-me a bordo de navios!
Maséquismo atravez de maquinismos!
Sadismo de não sei quê moderno e eu ba-
rulho!

E n'outro ponto:
Nem sei que existo para dentro. Giro, ro-
deio, engenho-me.
Engatam-me em todos os comboios.
Icam-me em todos os caes.
Giro dentro das helices de todos os na-
vios

Eia! eia-hô! Eia!
Eia! sou o calor mecanico e a electrici-
dade!

Tem a palavra o sr. dr. Julio de Mattos.

114 Capítulo 11
30 Março 1915.

